

## O Ensino de Filosofia: Fragmentos de Acontecimentos<sup>1</sup> em uma sala de aula

*Maria dos Remédios Brito*  
Universidade Federal do Pará  
email: [mrb@ufpa.br](mailto:mrb@ufpa.br)

*Débora Rodrigues Paes*  
Universidade Federal do Pará  
email: [tartpaes@gmail.com](mailto:tartpaes@gmail.com)

**RESUMO:** O presente texto disserta a respeito de alguns fragmentos vividos em sala de aula de um curso de Licenciatura e Bacharelado em Filosofia. Ele objetiva demonstrar intensidades que se convertem em acontecimentos, dando mobilidade para se experimentar o pensar. Não se tem a preocupação de caracterizar uma origem, mostrar culpados ou feridos. Quer-se apenas exercitar o pensamento como experimento vivencial. Então, o texto é construído por situações, observações, de alunas do curso de Filosofia. Acredita-se que essas intensidades possam provocar outras intensidades naqueles que pensam que a sala de aula não é apenas um espaço de docilidade de corpos e mentes, mas um lugar que oferece potencialidades, forças de criação, para a gestação de um novo experimento ou de um novo modo de ensinar Filosofia.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia, Acontecimentos, Sala de aula

### PROÊMIO

As questões a respeito do ensino de Filosofia não são apenas um debate da atualidade. Nietzsche e Schopenhauer, para interagir com esses pensadores ilustres, de uma forma ou de outra fizeram suas diagnoses a respeito dessa questão.

Schopenhauer na sua obra “Sobre a Filosofia Universitária” não poupa crítica ao ensino de Filosofia e, sem receio, chama os professores de Filosofia universitária de

---

<sup>1</sup>A idéia de acontecimento está inspirada no conceito Deleuziano. Cito: “O acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera (...) ele é o que deve ser compreendido, o que deve ser querido, o que deve ser representado no que acontece (...) O tornar-se digno daquilo que nos ocorre, por conseguinte, querer e capturar o acontecimento, tornar-se o filho de seus próprios acontecimentos e por aí renascer, refazer para si mesmo um nascimento, romper com seu nascimento de carne (...)” (1998, p.152). Ele é uma captura, aquilo que põe e contorna o sentido, o instante que gera a eternidade, aquilo que faz dizer “eis o momento”, então ele deve ser vivido, convertido em intensidades criadoras, porque não tem fundamento, ele é a superfície do abismo que se faz presente-futuro, ou melhor, ele é o abismo do presente, o tempo sem presente, nele não se cessa de morrer e de renascer.

“operários do Estado” que não trabalham para configurar o que ele chamava de “verdadeira Filosofia”, que era o conhecimento para a verdade, mas sim a adequação da Filosofia ao sistema cultural e estatal de sua época.

Os filósofos que estão sob o julgo do Estado encontram-se sob o julgo da paralisia de seus pensamentos, pois, para Schopenhauer, o exercício de uma função institucional oprime a liberdade de criação. Por isso, diz “Oh! Que será de ti, meu pobre João do Deserto, se, como é de se esperar, aquilo que tu trazes não estiver redigido. Segundo a convenção tácita dos senhores de filosofia lucrativa!” (SCHOPENHAUER, A. 2001, p. 19).

Quando se instaura a Filosofia de cátedra não se pode escapar das amarras, das disciplinas, enquanto quem procura a Filosofia por outras vias, que não a utilitária, deve querer a liberdade do pensar. Isso era uma preocupação de primeira ordem para Schopenhauer. Como pensar um ensino de Filosofia para autonomia, quando a mesma está entrincheirada pelas normas de um sistema estatal?

Nietzsche também faz uma diagnose decadencial nos seus primeiros escritos da cultura e da formação. Neles, encontra-se uma percepção da decadência dos ginásios, talvez, diz Nietzsche, “até mesmo a dissolução da universidade” (NIETZSCHE, F. 2000, p 34). Com isso, ele demonstra um desejo ou uma manifestação necessária de que os mesmos fossem reformulados em seus patamares de formação.

Nietzsche via na cultura e na formação uma espécie de coroamento da mediocridade, da barbárie naturalizada, pois as questões filosóficas o levavam a perceber o quanto os estudantes se mantinham em uma ignorância, principalmente em relação às coisas ligadas aos problemas profundos da existência. Nesses estudantes, compreendia Nietzsche, parecia haver uma alimentação pesada e uma espécie de

integração e adequação a um certo conformismo. Dessa maneira, há uma desaprovação da intelectualidade, dos eruditos, dos especialistas, que educam para a domesticação e submissão integralizada.

Nietzsche entendia que o meio acadêmico era um febril oportunismo profissional. Portanto, suas críticas vão do filisteísmo cultural, do oportunismo intelectual, da pobreza educacional e formativa, à calamidade filosófica de sua época. Ele percebia que a formação nos estabelecimentos de ensino estendia uma “cultura especializada” e estreita do “erudito”, aliada a uma ausência de visão e formação filosófica, com práticas pedagógicas degradadas, que culminava com o abandono da reflexão filosófica em sua profundidade, incapaz de possibilitar a formação de seus alunos<sup>2</sup>. Isso pode ser notado em suas palestras intituladas “Sobre os Estabelecimentos de Formação”.

O texto que se segue não pretende fazer uma análise de Schopenhauer ou de Nietzsche, ou ainda descrever suas compreensões a respeito do ensino de Filosofia. Simplesmente, o artigo tomará corpo a partir de um relato de intensidades. Ele se constitui por fragmentos, estratos, ruptura e captura do olhar, cujo objetivo é oferecer perspectivas para outros agenciamentos. Não há preocupação com o significar e o significante, somente em exercitar intensidades. Sua seleção será constituída apenas por fragmentos de vivências. Por isso, o pensar, o exercício textual, aqui deve ser configurado como algo que é escrito a partir da idéia do *entre*<sup>3</sup> as coisas, aquilo que acontece e que se manifesta. Não há nenhuma finalidade de designar os seus efeitos, suas dobras, mas simplesmente olhar esse movimento que se transversaliza e que carrega um e outro, portanto, a velocidade do pensar está no *meio* da prática do ensino

---

<sup>2</sup> Cf: Escritos sobre Nietzsche, com tradução de Noeli Correa

<sup>3</sup> Cf: tal idéia em Deleuze, no seu livro Mil Platôs, v. 3

de Filosofia universitária e a prática de estar sendo alunas do curso de Filosofia. Com isso, não se quer determinar nenhum fio, nenhuma culpa e nenhum ressentimento, apenas desenhar traçados no contexto de uma sala de aula de ensino de Filosofia a partir do olhar de alunas. Por isso, a idéia do *entre*, como exercício do *neutro*, sem sistemas de oposição.

Quer-se impedir necessariamente a escolha de bom ou mau ensino, de uma escolha binária, de um termo contra o outro. Como Barthes<sup>4</sup>, quer-se anular o conflito. Assim, mostra-se que na face do professor e na face do aluno há um *entre* que não se sabe aonde vai dar. Para onde a didática e o ensino podem levar ou se levam a algum lugar. Por isso, não se *demonstra*, nem se quer fazer explicações exaustivas, mas apenas mostrar acontecimentos, que podem dar vozes a outros, destacando outros renascimentos e mortes. Abaixo seguem os fragmentos de acontecimentos e reflexões.

## I

O professor entra na sala de aula e fala sobre as regras de avaliação de sua disciplina. Ele deu a tarefa de fazer um artigo para entregar no final da mesma nos moldes de um artigo científico para publicação em revista acadêmica. Houve surpresa; afinal, o curso de Filosofia estava iniciando. O tempo passou e o resultado da avaliação foi um desastre para a maioria dos alunos. O primeiro semestre foi uma prova de fogo para muitos. Nossa! Quantos companheiros desistiram do curso por essa reprovação.

## II

Retidos? O que é isso? Essa é a denominação dada para aqueles que ficam reprovados e não podem seguir no curso. Isso nos leva a perguntar: qual o objetivo do curso de

---

<sup>4</sup> Cf: BARTHES, R. O Neutro, 2003.

Filosofia? O que realmente ele visa a ensinar? Alguns professores falam que o curso não era para todos e que até seu final só os “mais fortes continuarão”.

### III

Na sala de aula, sentada na última fileira, estava com uma enorme expectativa. Queria saber se os professores de Filosofia eram diferentes dos que eu já tivera em minha trajetória como estudante. Que estranho esse pensamento! Essa imagem foi criada de tanto ouvir que a Filosofia não era para qualquer um. Nossa! São de uma extrema vaidade e a maioria coloca os alunos em condição menor, mal lhes dirigindo a palavra.

### IV

Boa noite! Disse o professor ao entrar na sala de aula, ele estava de bom humor. Colocou seus livros e sua pasta sobre a mesa, depois sentou-se na cadeira e começou a riscar o quadro ainda sentado. Sentiu um incômodo, levantou-se e rabiscou novamente o quadro. Pegou o texto da “coleção os Pensadores” e começou a lê-lo. Explicou um parágrafo, leu e explicou outro, olhou para o seu celular que estava também sobre a mesa e disse: estou cansado! não tenho vontade mais de falar. A aula acabou!

### V

- Não é recomendado perguntar, disse um colega mais antigo de curso para Renata, minha amiga. O ideal é saber fazer anotações do que o professor explica dos livros. Um bom ouvido é muito importante e melhor se ele estiver aliado a boas mãos para anotar a fala do professor. Isso será necessário, disse meu colega, que estava ao meu lado na sala de aula, pois as anotações deverão ser incluídas na prova.

### VI

Logo entendemos após alguns meses de curso que temos que nos tornar especialista em um autor, pois faltará orientador no final do curso, devido à carência de professores.

Dessa forma, o aluno é conduzido a ser “especialista” no autor que o professor é. Diz Feitosa que a produção dos cursos de Filosofia é reveladora de uma profunda especialização, profissionais que dedicam sua vida para um autor, muitas vezes a uma fase do autor. “Essa superespecialização, essa erudição infinita é valorizada e premiada na academia, interpretada como um trabalho denso e rigoroso. Ao passo que os que se dedicam a pesquisas mais temáticas, são por vezes acusados de falta de seriedade ou diletantismo”. (FEITOSA. C. 2004, p. 91)

## VII

O que importa a aridez da Filosofia Universitária? Por ventura, deve-se amar ou desprezar a Filosofia? Quase sempre é possível pensar sobre essa última questão, pois durante o curso o estudante sofre para tentar compreender um texto filosófico e, muitas vezes, tem que fazer esse trabalho por conta própria. Isso fica muito mais difícil quando se tem que falar de conceitos filosóficos em provas na sala de aula com o tempo regado das aulas. Dissertar sobre um conceito em 1 hora e 45 minutos, não é fácil. Ufa!

## VIII

No livro “O que é Filosofia”, Gilles Deleuze afirma que a filosofia não é reflexão, mas a produção de conceitos, a criação dos mesmos. Essa questão torna-se um desafio para os professores e alunos de Filosofia, pois é impossível estimular a criação de conceitos sem as condições necessárias em sala de aula. A preocupação maior é a de reproduzir conceitos; afinal, todos os colegas querem ser aprovados. E minha amiga ao lado, disse sempre para mim, se é para reproduzir o que o professor diz na sala de aula, vamos reproduzir! Afinal, quero passar de semestre.

## IX

Sem dúvida que o ensino de Filosofia Universitária deve proporcionar ao estudante o conhecimento de algumas obras, pelo menos dos principais filósofos da história das idéias, mas será que isso deve ser feito somente por meio da instrumentalização da leitura?

## X

Quem deve ensinar aquele que ensina?

## IX

Olá! Disse o professor: deixei alguns textos na reprodução. Quero que leiam o livro V, VI, VII da “República” de Platão em casa. Façam suas anotações e tragam suas dúvidas, pois vamos discuti-lo em sala. Recuso-me a ficar lendo em sala, disse o professor. Vou explicar os livros e tirar dúvidas e ouvir os comentários de vocês, tudo bem?

## X

O mestre entra na sala e desperdiça o curto tempo de sua aula falando de sua tese e de seu longo currículo, quando não de seus ressentimentos. A disciplina é pouco explorada. Numa tentativa desesperada de recuperar o tempo perdido, opta-se por um estudo quantitativo e, recorrendo-se a táticas desesperadas, divide-se a turma em grupos temáticos. Assim, “aprende-se” ser um filisteu da cultura.

## XI

O professor de seu pedestal, de um indivíduo dispondo de “saber”, inibe com seu sarcasmo e o seu corpo falante possíveis indagações por parte de indivíduos que demandam conhecimento. Estabelecem-se dois sujeitos: o ativo e o passivo. As relações de troca transformam-se em relações de força. Não há mais diálogo e muitos abandonam a disciplina.

## **XII**

Sempre desconfie que o pensar não pode ser visto como um ato metódico de raciocinar, calcular, argumentar, mas o pensar, sobretudo, está intimamente ligado aquilo que oferece o sentido do acontecimento em cada um de nós. Então, necessário mesmo é que sejamos afetados pelos encontros com determinados conceitos, com os problemas filosóficos. Não é possível pensar sem antes termos sofrido um ato de violência. Isso alerta muito bem Gilles Deleuze. Será que a sala de aula oferece isso?

## **XIII**

Licenciatura! Não! Não! Não quero dar aula, dizem meus colegas. Queremos ser pesquisadores. O professor ganha pouco e trabalha muito. Não vamos ficar dando “aulinhas” no ensino fundamental e médio. Queremos que essas “materiazinhas”, que não ensinam nada, saiam do currículo do curso. Não! Licenciatura, definitivamente não!

## **XIV**

Filosofia não é apenas pensar sobre a obra de um determinado filósofo da história da Filosofia. Fazer Filosofia, diz Deleuze, não é fazer um exercício de reflexão sobre, mas sim saber criar seus próprios conceitos. Isso não significa negar as produções filosóficas, pois elas são estímulos para o pensar. Ora, mas até que ponto o ensino universitário de Filosofia estimula essa perspectiva? Pode-se esperar isso do ensino universitário de Filosofia?

## **XV**

Diz Nietzsche em “Assim Falou Zaratustra”, no prólogo 5, “ Eu vos digo: é preciso ter ainda caos dentro de si, para poder dar à luz uma estrela dançante” Eu vos digo: há ainda caos dentro de vós.” (NIETZSCHE, F.2000, p. 41). Um ensino de Filosofia que se pretende dogmático não pode jamais produzir uma estrela dançante, pois só aquele que



pode reconhecer a potência do caos, fora dos solos das certezas pode entender o quando isso é saudável para o pensamento.

## **XVI**

Disse o professor, quando entrou na sala de aula: o aluno do curso de Filosofia é diferenciado dos alunos de outros cursos; ele sabe pensar. Essa é vantagem do nosso curso! O interessante é que muitos acreditaram nisso. Ah! Essa é uma boa lição de como se tornar vaidoso.

## **XVII**

Erguem-se igrejas. Iniciantes, mas já com a presunção de filósofos fiéis e fervorosos, defendem com unhas e dentes suas verdades. Instalam-se em bandos a decretar sentenças, tomando as dores do seu deus. Pobres ecos de pensamento! Deve-se ser forte na busca de um saber autônomo para não ser engolido por esse sistema opressor. Por fim, para que servem as montanhas?!

## **XVIII**

Ilhas inomináveis, há décadas dispostas em fileiras. Santa estrutura acolhedora de saberes sistematizados! Como filosofar em um ambiente inóspito à gestação de novos pensamentos?

## **XIX**

Quantos acontecimentos. Suponho que outros devam ter essas experiências em suas salas de aula. Sala de aula, que espaço é esse? Por que esse espaço não pode ser visto com importância, como objeto de investigação, de reflexão? Quantas vezes nos perguntamos. Ora, as pesquisas discutem sobre a escola, as metodologias, a didática do professor, a formação do professor, porém a sala de aula é pouco investigada. Nossa

hipótese é porque ela é um lugar dos micro-acontecimentos, das angústias, das inquietações, tanto dos alunos como dos professores.

Coisas complicadas, pequenas, não são de ordem do “Conhecimento”; afinal, este deve se preocupar com universalidades, coisas sérias. Por isso, penso que Nietzsche nos dá uma lição a respeito daquilo que é quase esquecido pelo “Conhecimento”. No seu texto “O andarilho e sua sombra”, no aforismo 5, intitulado “Linguagem corrente e realidade” (NIETZSCHE, F. 2008, p.165), ele fala a respeito do menosprezo por aquilo que parece demasiado importante, mas que é negligenciado por muitos, principalmente na era da razão instrumental, que se preocupa com os grandes discursos, com os grandes sistemas. A auto-estima das coisas importantes, diz ele, quase sempre não são genuínas. Existe uma linguagem hipocritamente exagerada nesses setores, mas o sentimento não é modificado com relação a ela. As coisas mais próximas, viscerais, intensas e íntimas, tais como: o vestuário, a moradia, a alimentação, os relacionamentos, há um efetivo afastamento intelectual e artístico delas, pois parecem vulgares e degradantes.

A sala de aula deve, nesse contexto, ser realmente um espaço degradante. Por outro lado, as simples leis do corpo e do espírito se colocam numa vergonhosa dependência daquelas verdades que, para Nietzsche, são supérfluas, que são advindas dos discursos especializados dos médicos, dos professores e dos pastores. Discursos, muitas vezes, já moldados por suas verdades absolutas.

Há de se admitir que a razão instrumental tem conduzido o homem à cegueira e raramente põe-se ao encontro daquilo que é mais próximo, mais singular. Parece realmente que essas coisas não podem ser colocadas na ordem das preocupações primeiras. O que nos leva a indagar: não seria o negligenciamento das mesmas que conduzem o homem para as mais altas enfermidades físicas e psíquicas, por exemplo,

na atualidade? Essa falta de compreensão seria benéfica ou prejudicial à saúde? Há uma falta de conhecimento de como construir um modo de existência? Ou falta compreensão de como se relacionar com outros? Existe uma falta de compreensão de como lidar a cada dia com a vida, com as angústias, ou mesmo perceber o tempo e as escolhas de cada relação? Como vivenciar o trabalho, o ócio? Ou como vivenciar o comandar e o obedecer? Que sentimento estaria sendo direcionado à beleza, a arte, ao tornar-se a si mesmo? Qual o tempo dispensado à reflexão e à alimentação? Que desrazão humana está funcionando? Que razão está funcionando? E para onde ela está sendo direcionada?

Há uma suposta preocupação com a salvação do Estado, da Educação, da Formação, da elevação da propriedade, da promoção no emprego, da ascensão pelo poder, tudo isso como meio de prestação de serviço à humanidade, no dizer de Nietzsche, enquanto a necessidade singular, individual, seus grandes e pequenos fluxos internos, sua luta individual com seus pensamentos, seus valores, seus demônios morais, estão sendo arruinados pela miséria da existência. Não que isso seja uma labuta fundamentada em si mesma, pois ela deve estar efetivamente fundamentada com aquilo que está na superfície, que é imanente, que é corpo, que é sentido e que são completamente apagados em nome da salvação do ser humano, da Educação, da Ciência.

Nietzsche, sem dúvida, mexe com a razão dos universais, da unidade, do ser, dos grandes discursos, e mostra outro tipo de razão; aquela preocupada com as coisas vulgares, cotidianas, menores, singulares, corporais, quase imperceptíveis. Essa referência nos lembra que a sala de aula, o aluno, com suas preocupações, seu desejo de formação, faz parte de algo que não pode ser esquecido e não pode ser visto como de segunda ordem.

Falar do ensino de Filosofia não é um problema só do professor, da didática filosófica, das regras curriculares, das regras de governo. É também um problema daquilo que se encontra *entre* o professor e o aluno e que não pode ser jogado para debaixo da mesa. O *entre* o aluno e o professor, há tantas coisas que fogem do mero controle didático-metodológico, do mero processo de ensinar Filosofia. Como negar essas intensidades que fogem do controle do “ensinar”? Por isso, é fundamental lembrar desse *entre* que salta as fronteiras da sala de aula, as fronteiras do ensinar Filosofia. Nesse sentido, é que se convoca a pensar “o ensino de Filosofia” por outras vias, aquela, por exemplo, que está no *meio* e não nas extremidades.

Neste texto, há uma pequena provocação para se refletir de modo experimental a sala de aula como uma microestrutura que pode balizar dispositivos para se pensar a macro-pesquisa sobre o ensino de Filosofia. Acreditamos que essas intensidades possam provocar outras intensidades naqueles que pensam que a sala de aula pode ser vista apenas como um espaço de docilidade de corpos e mentes. Isso jamais, pois ela oferece potencialidades, forças de criação para a gestação de um novo experimento, de um novo modo de ensinar Filosofia, que seja visto no *entre* o professor e o aluno. Ali, nesse lugar desconhecido, que salta, que constrói linhas de fugas, que pode oferecer novas perspectivas para se pensar o ensino de Filosofia universitária.

## **BIBLIOGRAFIA**

BARTHES, Roland. **O Neutro**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **O que é Filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

---

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs**. v. 3. Rio de Janeiro: Ed 34, 1996.

FEITOSA, Charles. **O ensino de Filosofia como uma estratégia contra a tarefa da interdisciplinariedade.** In: Filosofia: caminhos para o seu ensino. (org) Walter O. Kohan. Rio de Janeiro: DP&A, 20004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e ninguém.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

\_\_\_\_\_. **Escritos sobre Educação.** Rio de Janeiro: Ed, PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. **Humano, Demasiado Humano II.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre a Filosofia Universitária.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.